

# Com os olhos no futuro

por Carlos Serra



Todos aqueles que não têm convicções, encaram o futuro com receio. Por mim, olho-o cheio de confiança.

Bem sei que há quem se ria desta minha confiança e me chame «iluminado» e ingénuo. Os cépticos e passivos têm tido sempre esta opinião a meu respeito.

As opiniões dos outros interessam-me. Mas só as daqueles que me ensinam e a quem posso ensinar alguma coisa.

É um erro partirmos do princípio de que já é tarde para nos emendarmos. A vida ensinar-nos-á e emendar-nos-á, em parte, mesmo que não queiramos. Se quisermos, no entanto, emendar-nos-emos mais perfeitamente e com menos custo.

O isolamento é sempre um mau caminho para nos aperfeiçoarmos. A não ser no caso excepcional em que sirva para nos aproximar mais do nosso semelhante.

Os vaidosos são subjectivistas, não podem ser os verdadeiros pilares do futuro.

É mau sinal, quando falamos numa pessoa, e toda a gente «torce o nariz». Porque a mulher ou o homem que compreendam a sua projecção humana, têm de ser simpáticos. Têm de sentir as alegrias e as dores do outros, exactamente como suas.

Bruxas, adivinhos, «Nostradamus», e outros obscurantismos, estão falhando estrotondamente nas suas previsões. Até que, por fim, se vai chegando à conclusão de que só a ciência pode prever.

Nem os físicos, nem os químicos, poderão prever a evolução histórica.

Há apenas uma ciência que se ocupa do assunto há cerca de meio século e com resultados bem controlados: é a sociologia científica.

Há coisas que não compreendemos numa pessoa «esplendida». Por exemplo: jogar a roleta, perder dinheiro a jogar as cartas até altas horas da noite, beber... Interessará isto no futuro do homem, esse tão «precioso capital»?

¿Quem pensa mais a sério no futuro? Aquelle que ostenta um discurso do tipo rooseveltiano ou o que inicia a tractorização, hidro-centrais, etc.?

Com este calor, toda a gente vem para as portas e para as ruas. Grupos à porta de cada casa, grupos de rapazes e raparigas pelas estradas. Canta-se e conversa-se.

Quantos cegos e criancinhas com poesia ingénuo nos seus fados derrotistas! Quantas conversas já saudáveis!

# O TRABALHO no cancionero do Ribatejo

por Alves Redol

Povo e trabalho são duas expressões que se identificam e completam. Têm vivido ligadas desde os alvares da humanidade e irão, por séculos além, confundidas, como corpo único, como semente e fruto de todos os progressos, em todas as Idades.

Povo implica um conceito immediato de labor esforçado e constante.

Trabalho simboliza todo o edificio social erguido, cuja argamassa contém os suores anónimos das multidões ignoradas e sempre presentes.

Trabalho e povo são alavanca e ponto de apoio de quantos himalayas se têm movido ao caminhar da história.

O mundo está modelado pelo trabalho. O trabalho é atributo dos ignorados.

Para que as multidões melhor os escutassem, os legisladores primitivos ditaram-lhes as leis em verso. À memória do povo só assim os entendia.

Servindo-se do mesmo meio, ele vem dizendo ao futuro, os seus anseios como as suas torturas, os seus sonhos como os seus desenganos. Os cancioneros populares são dos mais ricos documentos que a história conhece, embora muitos historiadores lhes passem ao lado sem sentido de compreensão.

Corográficas ou de amor, irónicas ou etnográficas, as cantigas que se abrem na boca do povo, são pedaços do seu mundo, denunciando a sua índole e o seu conceito de vida.

Paul Lafargue, sob o pseudónimo de Fergus, soube procurar nelas, e ensinou a procurar, as relações sociais de cada povo e de cada época. Em 1886 a «Nouvelle Revue» publicava as «Canções e as cerimónias populares do cossamento», poderoso libelo derrubando mitos impostos. As origens da família patriarcal tem nesse estudo, invulgar na clareza de exposição, a sua história definitiva. Porque as leis que os arquivos guardam, não são feitas pelo povo.

Ele submete-se, mas sabe reagir. E canta.

O canto tem sido sempre o grito rebelde do seu querer. Em quatro versos só, o povo, porque a arte popular é colectiva, é, muitas vezes, mais profundo, mais incisivo e mais sapiente, que quantos cronistas mercenários os séculos nos deixaram.

Nas horas de trabalho, quando a canícula aperta, desfibrando energias, quando a tempestade impreca, vergastando angústias, o povo compõe o seu poema sem preciosismos. Como o pintor-poeta Santiago Rusiñol põe nos cantos dos jovens pela noite de S. João: «que cantando possamos dizer, o que falando dizer não sabíamos».

Tormento cada dia mais amargo, o trabalho é simultaneamente um motivo de orgulho—mais talvez ainda: uma certeza no futuro.

E o povo ufana-se do seu atributo. Canta-o riosamente, de membros lassos, boca sedenta e estômago mirrado.

*No Prado colhi flores,  
No mar conchas apanhei,  
No céu contei as estrelas,  
No trabalho a honra achei.*

Lirismo singelo e fluente. Levemente amargo, às vezes. Queixa escondida como a reccar que a ouçam e percebam.

*Trabalha, homem, trabalha,  
Se queres ter algum valor,  
Que os calos são os anéis  
De um homem que é cavador.*

E as enxadas não param. De sol a sol, a falcisar à luz, a desfilar a terra. Em fileiras cerradas pela encosta fora, aos óis de ajuda da gorja esbrazeada.

O corpo abate-se pelo esforço e as ganas vão ao poente.

*Cavas terra, viras terra,  
Não te fartas de cavar?!...  
Essa tua opinião  
À cova te há-de levar.*

É um pronúncio distante ainda. Mas sente-o bem na crueza da labuta e na escassez da paga.

As dúvidas vêm. Vêm quando o sol tomba. É a hora do silêncio e dos pensamentos. Alfaia ao ombro, a caminho de casa, a interrogação nasce:

*Ó minha mãe dos trabalhos,  
Para quem trabalho eu?!...  
Trabalho, mata o meu corpo,  
Não tenho nada de meu!..*

Cabeças pendidas à terra, como numa prece ao pão, as mondeiras limpam a seara de plantas daninhas, para que loiro e farto o trigo afestos os campos e encha os celeiros.

Recordações chegam e os lábios as atiram ao desdobrar do éco.

*Aqui te mando um raminho  
De ervilhaca e balanco,  
Pra que tu saibas, amor,  
Que eu ando à monda no campo.*

A ufânia no trabalho é atributo que exaltam. Ser «raíña» é ter honras de mandar gente, e a féria ao sábado sabe melhor que é mais larga. Uns olhos galhardos, um busto de seios rebeldes, justificam a promoção.

*Sou a melhor mondadeira,  
Gabada pelo capataz;  
Eu apanho a erva toda  
E deixo o trigo pra trás.*

Agosto pleno. Sol de fornalha. Nas árvores raras nem bole fôlha. Rins miados de canícula. Foices, no derrube de espigas, vivas de sfá. Tortura de sede.

Mas não são só a canícula e o esforço da labuta que alquebram os corpos.

*Não é a calma que mata  
Lá o ceifeiro no verão:  
É a erva unha-gata,  
Mais o cardo beija-mão.*

Segar trigo é tarefa dura. Quando se começa, mais dura ainda. As mças não

podem parar que os capatazes estão de espreita e não deixam branduras às mãos. Ceifar... e campinos garbosos para derriços.

*Minha mãe mandou-me à ceifa  
Eu não sei talhar o sito.  
Mande-me ela namorar  
Que pra isso tenho eu jeito.*

O sol ainda alto e nos corpos já poente. Tantas horas ainda!... Não há ganas para dar um passo e tem de se andar sempre que o «ponto» não perdoa. E clama-se ao sol.

*Vai-te sol, vai-te sol,  
Lá pra trás do barracão!  
Es alegria pra gente  
E tristeza pra patrão.*

E no Norte, nas terras dos Montes encimadas pela alvura dos moínhos adaptaram o apelo.

*Põe-te sol, põe-te sol,  
Para trás daquele outeiro!  
Alegria para a gente  
E tristeza pra caseiro.*

O trabalho na lezíria é por épocas largas e a casa fica longe. As fadeiras aviarão os alforques que, no calendário do campo, não há domingos. As sezões vêm e deixam trilhos fundos.

Quando o trabalho acaba nasce a dúvida do amanhã. Mas a casa acena as paredes brancas e o sossêgo.

Há o adeus de despedida mas não ficam saudades.

*Adeus ó mata do Caldas,  
Ai rodeada de canas,  
Vim para cá degredada  
Não sei por quantas semanas.*

Ou a outra:

*Adeus, quartel de Montalvo,  
Ai rodeada de urtigas,  
Agora... ficas viúvo  
Vão-se embora as raparigas.*

E tantas, tantas outras, desse poema que o povo compõe e passa, na literatura oral das suas desgarradas e dos seus coros, através os séculos.

# Com os olhos no futuro

por Carlos Serra

O futuro de cada um, vem sempre a talhe de foice, em toda a conversa—afinal o futuro de todos.

Não há dúvida de que, no futuro, a palavra «difícil» será um defeito enorme. A razão concreta desse facto é a necessidade de se traduzirem as ideias com rapidez e precisão.

¿Será possível obter desde já a realização deste objectivo?

Os momentos de perfeita compreensão entre os professores humanos e os humanos alunos, são momentos felizes da vida. Momentos em que o mestre se revela o melhor transmissor da metódica que guiará as futuras gerações e em que os alunos vão até à tensão máxima do entusiasmo. Lágrimas às vezes—porque não referir a realidade como é?—e confiança mútua que se cimenta nessas lágrimas e na maneira de passar adiante delas.

A-pesar-de tudo, porém, não é, ainda aqui, que estão os instantes máximos de plenitude vital. É um erro de pedagogos, um pouco deshumanizados, ficar apenas na síntese atrás exposta.

Mais que o convívio pedagógico, em tantos casos feliz e em muitos outros falhado, surgem aos nossos olhos, como momentos do mais intenso conteúdo humano, quaisquer apertos de mão, olhares ou abraços de outros «novos sois que nascem nos corações».

É muito curioso ver uma rapariga ignorante, dizer coisas justas sobre a guerra. Mas confrange toda a sua imaginação acerca do futuro, conduzida por mitologias e maus olhados.

Este último aspecto porém, não prevalecerá sobre tudo aquilo que essa rapariga pode simbolizar.

A guerra não deixará de pezar sobre tal símbolo. E será dele e não das mitologias que brotará a luz.

Quando as oscilações climáticas trouxeram uma vez a diminuição da produção, aqueles homens previdentes e práticos, não deixaram criar rugas e cabelos brancos.

A industrialização e direcção científica dos seus trabalhos do ano anterior, constituiram a reserva segura para os dias maus.

E nisso não foram só eles os heróis. As suas mulheres foram igualmente previdentes e práticos. Nada menos que igualmente.

O sonho daquele dia, passou-se num cinema estranho.

O filme esgotava, em expressões felicíssimas, todo o conteúdo da nova vida. Todos se sentiam diferentes nessa vida radiosa que até ali só ocupara outros sonhos.

O cinema passou a ser um divertimento habitual e instrutivo, para além das horas de trabalho consciente.

Não havia diferenças de preço, na marcação de lugares. Sentava-se o que chegasse primeiro sem a preocupação de aumentar quaisquer sub-alimentações e com toda a simplicidade.

Bom sonho o desse dia.

## Ouro, Joias e Pratas

V. Ex.ª tem interesse em adquirir uma boa joia ou outro qualquer objecto de ouro ou prata para brinde ou uso próprio?

Não compre noutra casa sem consultar o lindo e colossal sortido e os baixos preços por que se vende a casa

BARBOSA ESTEVES & C.ª  
293, R. DA PRATA, 295

## Da compreensão

Esse vento que bate no pinhal e zumba na sua voz unisona —unisona das mil falas do Mundo— vem abrir o postigo da minha porta...

Ele vem cheio dos ruídos dos mares; éle traz a vida das cidades distantes; éle é a Essência de todos os sítios do Mundo onde o Homem sofre e luta...

Dantes, o vento do pinhal era lúgubre e finha uma voz estranha e se fechava o postigo da minha porta, para éle... Dantes...

Esse vento que bate no pinhal é a Essência de todos os sítios do Mundo onde o Homem sofre e luta...

CARLOS ALBERTO